



Kazuo Wakabayashi, *Sem Título*, óleo sobre tela, 73 x 104 cm, assinatura inf. dir. Participou da exposição: “A Realidade Máxima das Coisas”, com curadoria de Jacob Klintowitz, na Galeria Frente, de 16 de março a 29 de junho de 2024. Reproduzido no catálogo da mostra pág. 54. Foto divulgação Galeria Frente.

ENSAIO VISUAL

A REALIDADE MÁXIMA DAS COISAS: UM ENCONTRO ENTRE A LUA E O SOL

JACOB KLINTOWITZ - ABCA/SÃO PAULO

RESUMO: Este ensaio trata de duas questões importantes na nossa época. O entrelaçamento de culturas antes distantes e a contribuição da individualidade no processo cultural. O autor apresenta duas culturas distantes, a da tradição japonesa, com a sua introspecção e a brasileira, solar e de alta exposição. E ressalta, sempre, que, presentes nessa realidade de duas culturas em diálogo, cada um dos artistas escolhidos tem a sua particularidade e o seu conceito de realidade. Pode ser dito que o autor trata da ampliação do nosso conceito de realidade.

PALAVRAS-CHAVE: imigração japonesa, culturas em diálogo, arte dos imigrantes japoneses no Brasil

ABSTRACT: This essay addresses two important issues in our time. The intertwining of previously distant cultures and the contribution of individuality to the cultural process. The author presents two distant cultures, the Japanese tradition, with its introspection and the Brazilian one, sunny and highly exposed. And it always emphasizes that, present in this reality of two cultures in dialogue, each of the chosen artists has their own particularity and their concept of reality. It can be said that the author deals with expanding our concept of reality.

KEYWORDS: Japanese immigration, cultures in dialogue, art of Japanese immigrants in Brazil

Foi um longo percurso que o espírito da moderação e da luz matizada, do meio tom, percorreu até chegar ao mundo da plena luz e da exaltação. A realidade mínima das coisas e a realidade máxima das coisas. É fascinante o encontro entre a linguagem reflexiva e a linguagem exponencial. Estas demarcações e fronteiras contém, entre elas, todos os semitons e nuances. Nada é absoluto nessas identificações, nada é definitivo. Algumas das mais significativas demonstrações do caminho criativo desde diálogo entre a luz matizada e a plena luz podem ser encontradas nessa pesquisa. vislumbres., na qual estão presentes 10 dos mais importantes artistas brasileiros de origem nipônica. E um décimo primeiro, símbolo do artista errante do século vinte e um artista nipônico que viveu plenamente o Brasil na década de 30. Manabu Mabe, Yutaka Toyota, Tomie Ohtake, Megumi Yuasa, Takashi Fukushima, Tikashi Fukushima, Flávio Tanaka Shiró, Tomoshige Kusuno, Jorge Mori, Kazuo Wakabayashi. E a presença excepcional de Tsuguharu Foujita, que permaneceu

algum tempo no Brasil, dialogou com a cultura tropical, e nos incluiu na sua jornada pela América. Foujita (ele preferia essa graia ao invés de Fujita) tornou-se símbolo do artista em trânsito, em transformação, capaz do diálogo com culturas estranhas e, no Brasil, ele é um pioneiro desta relação aberta dos artistas de origem nipônica.

A tradição filosófica, poética e visual do Japão, país de origem dos artistas da exposição e do livro, é a de criar uma linguagem afirmativa, mas com o mínimo de elementos. A poesia haikai tem 17 sílabas, a pintura trata de temas cotidianos, locais, mas com delicadeza. Esta tradição de tantos séculos tem sido, muitas vezes, definida como a realidade mínima das coisas. E, no entanto, foi capaz de influenciar artistas fundamentais do Ocidente como Claude Monet, Vincent van Gogh e Cézanne. Esta origem qualificada como “a realidade mínima das coisas” é muito importante.

A nossa exposição e o nosso livro não são uma mostra étnica. Ela trata

de arte. E mostra que artistas criados dentro da tradição japonesa, em contato com a plena luz dos trópicos, produziram uma arte exponencial na qual oferecem uma vigorosa definição da realidade. Cada artista, em sua vertente individual, nos oferece uma visão renovada da realidade cotidiana. Então é possível dizer que esta arte atual amplia a nossa consciência, a nossa percepção da realidade. É uma arte afirmativa. O diálogo com a origem, “A realidade mínima das coisas” se dá através do cotejo de uma arte extraordinariamente vital e dinâmica. Os trópicos revisitados. Por isso “A realidade máxima das coisas”.

Um vaso com flores pode ser inteiramente pintura, linguagem, e não simplesmente representação de beleza decorativa e superficial, O desenho sobre alguma coisa, é designar, nomear, dar nome às coisas e, com este ato, trazê-las para o reino da humanidade. A arte chinesa e, depois, a japonesa, levou esse conceito ao supremo grau de maestria. Os extraordinários gravadores/artistas japoneses - Suzuki Harunobu (1725- 1770), Korin

Ogata (1658 - 1716), Torii Kiyomasu (1752- 1815), Katsushika Hokusai (1760 - 1849), Andô Hiroshige (1797 - 1858), Torii Kiyonaga (1679 - 1763) foram fundamentais na formação da arte moderna europeia,

Eles trabalharam a partir de situações objetivas: a ponte, a vida cotidiana, os pescadores, as gueixas, as florestas, o mar. Mas essa descrição era a da arte e não a do pretensão realismo, ou seja, do entendimento

convencional. A influência deveu-se à superioridade desse sistema, a criação da linguagem a partir de um referente reconhecível.

De muitas maneiras podem ser explicados os percursos da arte nos últimos 150 anos. Mas o que une estes vários procedimentos é a autonomia da arte como ser único, personagem novo no panorama dos existentes. O artista tornou-se um demiurgo, um mágico, um Eloim bíblico a criar universos. Esta é a razão porque os artistas tornaram-se figuras míticas na nossa época, independentemente de como foi a sua vida particular. Excêntricos, loucos, drogados, irascíveis, egocêntricos, fantasistas, misantropos, nada disto importa muito, talvez só como peculiaridades que caracterizam existências cotidianas, pois o que verdadeiramente conta é a obra produzida e a sua capacidade de ser original e reveladora. A arte da nossa época tem duas características imanentes; ela é revelação, pois nos oferece um registro novo; e ela é redentora, pois ela modifica os nossos padrões de realidade e forma novas consciências.



Jacob Klintowitz e Yutaka Toyota, lançamento do livro no Clube Atlético Monte Líbano, 2019
Arquivo Yutaka Toyota.

É irresistível uma arte que é, ao mesmo tempo, revelação e messiânica.

Observe-se que a poesia haikai não quer nos dizer nada. Ela não tem uma mensagem explícita. Ele não pretende demonstrar nada, não tem qualquer intenção de nos convencer. Ela não nos diz o que é a realidade, não discursa sobre procedimentos, não se pretende uma plataforma ideológica. Os poetas haicais, muitas vezes, eram zen-budistas, errantes, carregavam pouquíssimos pertences. No seu percurso itinerante eram alimentados pelos habitantes locais e, algumas vezes, faziam os seus poemas neste contato, recebiam poemas feitos pelos habitantes e, era comum, não escreviam os seus poemas, mas eles eram registrados pelos circunstantes. A poesia haikai não propõe nada, porque ela simplesmente é.

Na tradição a poesia haikai tem somente 17 sílabas, em três frases, 5-7-5. Ela é despojada. Costuma a primeira frase ser uma observação do instante: o horizonte avermelhado do ocaso. Uma segunda frase, sobre

a permanência do mundo: é comum em agosto esta amplidão de cores; e a terceira frase, é o que se passa com o poeta, o seu sentimento: a triste memória do ocaso do meu amor.

O principal encanto do Novo Mundo sempre consistiu em que ele nos oferece o futuro. Tudo pode ser construído, imaginado, experimentado. Evoca o Gênesis, o mundo está sendo inventado. Não existe limite nessa sempre sonhada viagem do ser. O Novo mundo é a Máquina do Tempo. E, por lógica e simetria, o novo mundo é o único recanto da Terra onde podemos ter a sensação de que encontraremos um fragmento do Paraíso.

A inocência, a pujança da natureza, a semente do que virá, os paradigmas das ideias perfeitas antes da contaminação causada pela civilização. Os dois polos, o futuro e o passado. E, naturalmente, as dificuldades de uma sociedade construída a partir de culturas transplantadas. É neste universo de sonhos e contradições em que se dá a importante imigração japonesa.

Na arte e na cultura, mais do que descrever a influência da presença japonesa, devemos falar desta presença como um elemento constitutivo da arte brasileira atual. É inconclusivo e fragmentário pensar na arte brasileira atual se não considerarmos a participação decisiva da cultura japonesa na sua formação.

Penso sempre numa frase marcante sobre essas questões, um conceito escrito pelo poeta Matsuo Bashô (1644-1694), magnificamente traduzido pelo poeta mexicano Octávio Paz, adaptada no Brasil pela poeta Olga Savary, do livro clássico “Sendas de Oku”.

“Os meses e os dias são viajantes da eternidade. O ano que se vai e o que vem também são viajantes. Para aqueles que deixam flutuar suas vidas a bordo dos barcos, ou envelhecem conduzindo cavalos, todos os dias são viagem e sua casa mesmo é viagem.”.



Flávio Shiró
Sem título, 1968
óleo cartão colado em eucatex
64,0 x 49,0 cm
assinatura inf. dir.

Participou das exposições: “De Ukiyo ao Manga nos 100 anos de imigração”, Espaço Cultural Bmf & Bovespa, de 11 de agosto a 19 de setembro, 2008; “Flávio Shiró” Pinakothek Cultural, Rio de Janeiro, 2018. Reproduzido no catálogo da mostra, p. 124; “A Realidade Máxima das Coisas”, com curadoria de Jacob Klintowitz, na Galeria Frente, de 16 de março a 29 de junho de 2024. Reproduzido no catálogo da mostra pág. 19. Foto Jaime Acioli. Foto divulgação Galeria Frente.



Flávio Shiró, *Gênesis II*, 1986, óleo sobre tela, 72 x 194 cm, assinatura inf. esq., Assinado, datado, e localizado “ Flávio-Shiró Genesis II Paris 1986” no verso. Etiqueta da Galeria Paulo Figueiredo. Participou da exposição: “A Realidade Máxima das Coisas”, com curadoria de Jacob Klintowitz, na Galeria Frente, de 16 de março a 29 de junho de 2024. Reproduzido no catálogo da mostra pág. 22 e 23. Foto divulgação Galeria Frente.



Jorge Mori
Buquê de Girassóis
óleo sobre tela
57 x 46 cm
assinatura no verso
Participou da exposição: “A Realidade Máxima das Coisas”, com curadoria de Jacob Klintowitz, na Galeria Frente, de 16 de março a 29 de junho de 2024. Reproduzido no catálogo da mostra pág. 33. Foto divulgação Galeria Frente.



Jorge Mori

Ouro Preto

óleo sobre madeira

24 x 19 cm

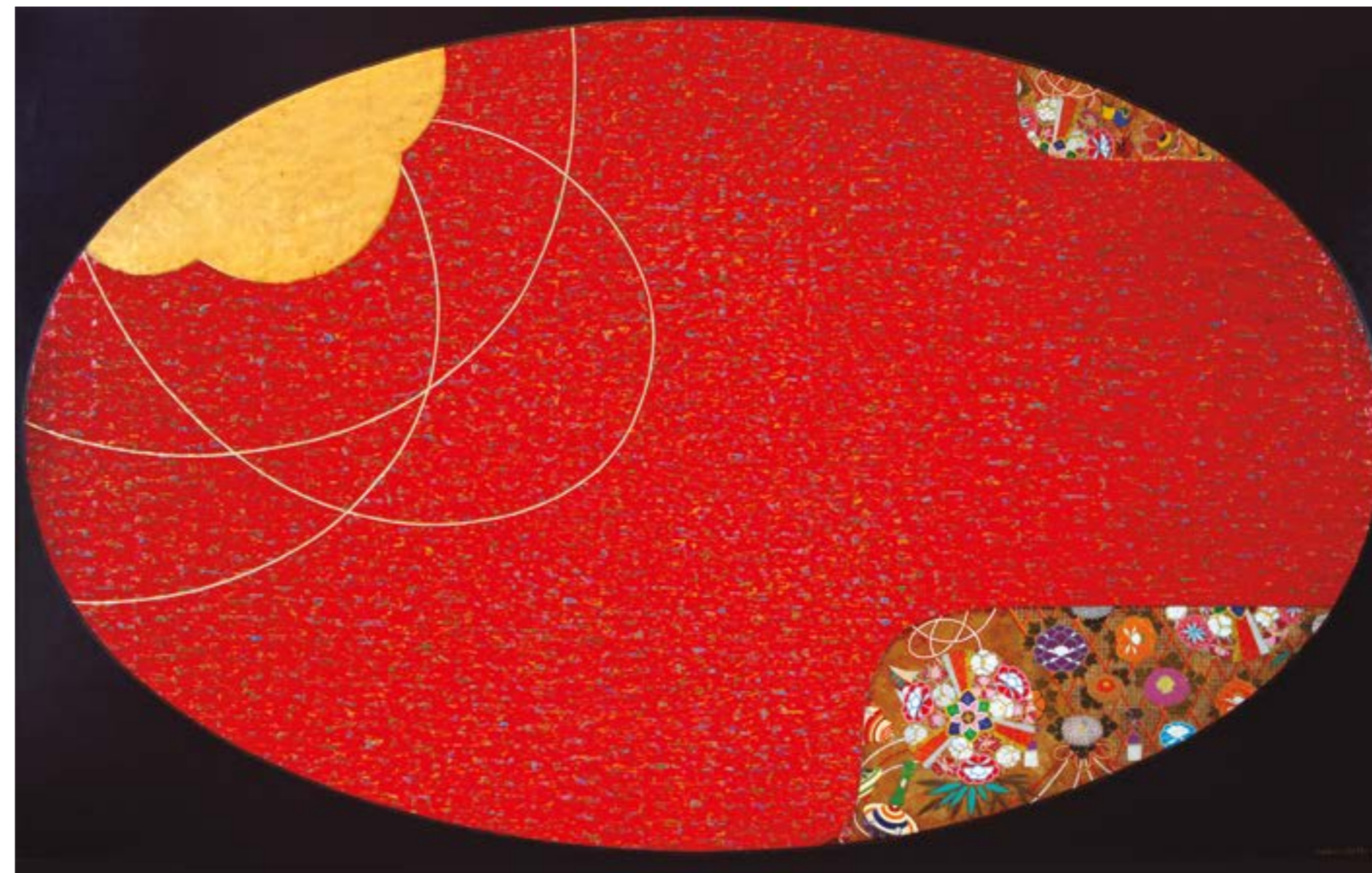
assinatura inf. dir.

Participou da exposição:

“A Realidade Máxima das Coisas”,
com curadoria de Jacob Klintowitz,
na Galeria Frente, de 16 de março
a 29 de junho de 2024.

Reproduzido no livro pág. 37.

Foto divulgação Galeria Frente.



Kazuo Wakabayashi, *Sem Título*, 2011, óleo sobre tela colado em madeira, 150 x 240 cm, assinatura inf. dir. Participou da exposição: “A Realidade Máxima das Coisas”, com curadoria de Jacob Klintowitz, na GaleriaFrente, de 16 de março a 29 de junho de 2024. Reproduzido no catálogo da mostra pág. 52 e 53. Foto divulgação Galeria Frente.



Kazuo Wakabayashi
Sem Título, 1967
 óleo sobre tela
 89 x 110 cm
 assinatura inf. dir.

Participou da exposição:
 “A Realidade Máxima das Coisas”, com curadoria
 de Jacob Klintowitz,
 na GaleriaFrente,
 de 16 de março a
 29 de junho de 2024.
 Reproduzido no catálogo
 da mostra pág. 47.
 Foto divulgação
 Galeria Frente.



Kazuo Wakabayashi, *Sem Título*, óleo sobre tela, 73 x 104 cm, assinatura inf. dir. Participou da exposição:
 “A Realidade Máxima das Coisas”, com curadoria de Jacob Klintowitz, na Galeria Frente, de 16 de março a 29 de junho de 2024.
 Reproduzido no catálogo da mostra pág. 54. Foto divulgação Galeria Frente.



Kazuo Wakabayashi
Sem Título
óleo sobre placa
20 x 24,5 cm

Participou da exposição:
“A Realidade Máxima das Coisas”, com curadoria
de Jacob Klintowitz,
na Galeria Frente,
de 16 de março a
29 de junho de 2024.
Reproduzido no catálogo
da mostra pág. 55.
Foto divulgação
Galeria Frente.



Manabu Mabe
Abstração Fundo Vermelho, 1961
óleo sobre tela
185 x 200 cm

assinatura no verso
Catalogada no Projeto do Instituto
Manabu Mabe sob nº 2780. P
articipou da exposição:
“A Realidade Máxima das Coisas”,
com curadoria de Jacob Klintowitz,
na Galeria Frente, de 16 de março
a 29 de junho de 2024.
Reproduzido no catálogo
da mostra pág. 65
Foto divulgação Galeria Frente.

Manabu Mabe
Rei do Mar, 1968
 óleo sobre madeira
 185 x 130 cm
 assinatura inf. dir.
 Catalogada no Projeto do Instituto
 Manabu Mabe sob nº 2783.
 Participou da exposição:
 “A Realidade Máxima
 das Coisas”, com curadoria de
 Jacob Klintowitz,
 na Galeria Frente,
 de 16 de março a 29 de junho de 2024.
 Reproduzido no catálogo da mostra pág. 69.
 Foto divulgação Galeria Frente.



Manabu Mabe
Akogare (Esperança), 1984
 óleo sobre tela
 180 x 200 cm
 assinatura inf. dir.
 Catalogada no Projeto
 do Instituto Manabu Mabe
 sob nº 1025.
 Mauricio, Jayme. “Manabu Mabe
 1984”, Rio de Janeiro, Paris,
 Londres: Realidade Galeria
 de Arte, 1984. pág. 15.
 Mauricio, Jayme; Sicre,
 José Gómez; Wolff, Theodore F.;
 Kawabata, Yasunari; Okamoto,
 Taro; Kaneko, Hideo.
 Introdução de Pietro Maria
 Bardi. “Manabu Mabe: Vida e
 Obra”, São Paulo, 1986.pág. 313.
 Participou da exposição:
 “A Realidade Máxima das Coisas”,
 com curadoria de
 Jacob Klintowitz,
 na Galeria Frente, de 16 de
 março a 29 de junho de 2024.
 Reproduzido no catálogo da
 mostra pág. 75.
 Foto divulgação Galeria Frente.

Megumi Yuasa
Sem Título, 1990
 pintura sobre placa de cerâmica
 35 x 35 cm
 assinatura na peça
 Com marca do artista.
 Participou da exposição:
 “A Realidade Máxima das Coisas”,
 com curadoria de
 Jacob Klintowitz,
 na Galeria Frente,
 de 16 de março a 29 de junho de 2024.
 Reproduzido pág. 96.
 Foto divulgação Galeria Frente.



Megumi Yuasa
Sem Título, 1990
 pintura sobre placa de cerâmica
 40 x 40 cm
 assinatura inf. centro
 Participou da exposição:
 “A Realidade Máxima das Coisas”,
 com curadoria de Jacob Klintowitz,
 na Galeria Frente,
 de 16 de março a 29 de junho de 2024.
 Reproduzido no catálogo
 da mostra pág. 96.
 Foto divulgação Galeria Frente.



Megumi Yuasa
Sem Título, 1991
 pintura sobre placa de cerâmica
 46 x 46 cm
 assinatura na peça
 Participou da exposição:
 “A Realidade Máxima das Coisas”,
 com curadoria de Jacob Klintowitz,
 na GaleriaFrente,
 de 16 de março a 29 de junho de 2024.
 Reproduzido no catálogo
 da mostra pág. 97.
 Foto divulgação Galeria Frente.



Megumi Yuasa
Sem Título, 1991
 pintura sobre placa de cerâmica
 45 x 45 cm
 assinatura inf. centro
 Participou da exposição:
 “A Realidade Máxima das Coisas”,
 com curadoria de Jacob Klintowitz,
 na Galeria Frente,
 de 16 de março a 29 de junho de 2024.
 Reproduzido no catálogo da mostra pág. 97.
 Foto divulgação Galeria Frente.



Takashi Fukushima

Sem Título, 1972

óleo sobre tela

61 x 45 cm

assinatura inf. dir.

Participou da exposição:

“A Realidade Máxima das Coisas”,

com curadoria de

Jacob Klintowitz,

na Galeria Frente,

de 16 de março a 29 de junho de 2024.

Reproduzido no catálogo da mostra pág. 111

Foto divulgação Galeria Frente.



Takashi Fukushima
Black and Blue (díptico),
1995-1996

acrílico sobre tela

210 x 280 cm

assinatura no verso

Etiqueta da exposição

“Tempos Flutuantes -

Takashi Fukushima”,

Pinacoteca do Estado

de São Paulo - SP,

Ago/Out de 1999.

Participou da exposição:

“A Realidade Máxima das

Coisas”, com curadoria

de Jacob Klintowitz,

na Galeria Frente,

de 16 de março a

29 de junho de 2024.

Reproduzido no catálogo

da mostra pág. 116 e 117

Foto divulgação

Galeria Frente.



Tikashi Fukushima

Sem Título, 1979

acrílica sobre tela

80 x 79,5 cm

Participou da exposição:

“A Realidade Máxima das Coisas”,

com curadoria de

Jacob Klintowitz,

na Galeria Frente,

de 16 de março a

29 de junho de 2024.

Reproduzido no catálogo

da mostra pág. 122 e 123.

Foto divulgação Galeria Frente.



Tikashi Fukushima

Sem Título

óleo sobre tela

40 x 33 cm

assinatura inf. dir.

Participou da exposição:

“A Realidade Máxima das Coisas”,

com curadoria de Jacob Klintowitz,


na GaleriaFrente,

de 16 de março a 29 de junho de 2024.

Reproduzido no catálogo da

mostra pág. 126 e 127.

Foto divulgação Galeria Frente.



Tomie Ohtake
Sem Título, 1967
óleo sobre tela
100 x 60 cm
assinatura no verso
Registrada no Instituto
Tomie Ohtake - P-64-22.
Participou da exposição:
“A Realidade Máxima das Coisas”,
com curadoria de
Jacob Klintowitz,
na Galeria Frente,
de 16 de março a
29 de junho de 2024.
Reproduzido no catálogo
da mostra pág. 134.
Foto divulgação Galeria Frente.



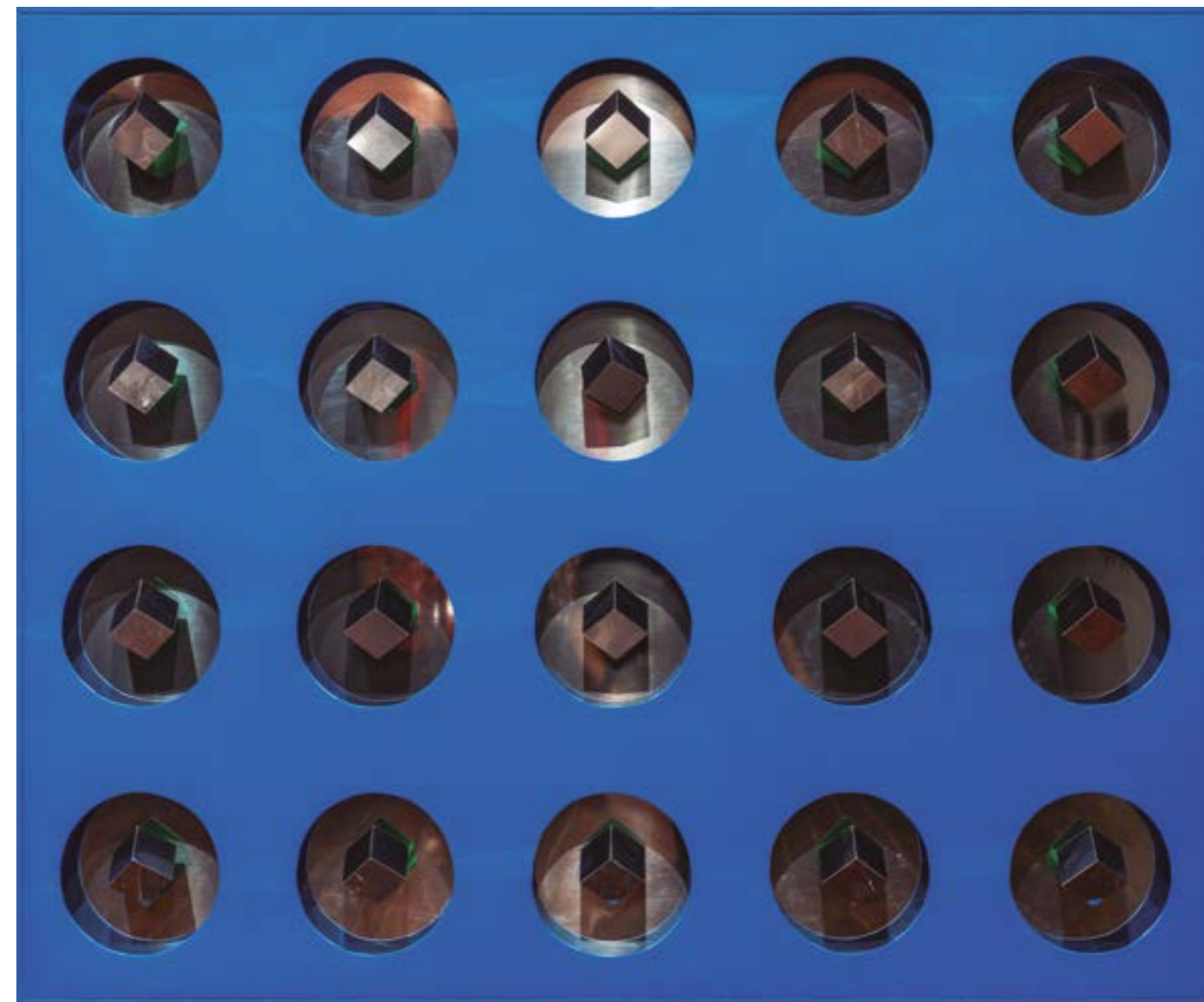
Tomie Ohtake, *Sem Título*, 1979, óleo sobre tela, 204 x 750 cm, assinatura inf. dir.
Participou da exposição: “A Realidade Máxima das Coisas”, com curadoria de Jacob Klintowitz, na Galeria Frente,
de 16 de março a 29 de junho de 2024. Reproduzido no catálogo da mostra pág. 136 e 137.
Foto divulgação Galeria Frente.

Tomie Ohtake
Sem Título, 1987
 acrílica sobre tela
 210 x 142 cm
 assinatura inf. dir.
 Registrado no Instituto
 Tomie Ohtake sob o cód. P 87 21.
 Participou da exposição:
 “A Realidade Máxima das Coisas”,
 com curadoria de Jacob Klintowitz,
 na Galeria Frente,
 de 16 de março a
 29 de junho de 2024.
 Reproduzido no catálogo
 da mostra pág. 139
 Foto divulgação Galeria Frente.



Tomoshige Kusuno
Sem Título, 1976
 pastel e técnica
 mista sobre papel
 50 x 68 cm
 assinatura inf. dir.
 Participou da
 exposição:
 “A Realidade Máxima
 das Coisas”,
 com curadoria de
 Jacob Klintowitz,
 na Galeria Frente,
 de 16 de março a
 29 de junho de 2024.
 Reproduzido no
 catálogo da mostra
 pág. 148.
 Foto divulgação
 Galeria Frente.

Tomoshige Kusuno
Diamante
 acrílica sobre tela e madeira
 150 x 110 cm
 assinatura inf. esq.
 Participou da exposição:
 “A Realidade Máxima das Coisas”,
 com curadoria de Jacob Klintowitz,
 na Galeria Frente,
 de 16 de março a
 29 de junho de 2024.
 Reproduzido no catálogo
 da mostra pág. 150 e 151.
 Foto divulgação
 Galeria Frente.



Yutaka Toyota
Espaço Invisível
 (azul e verde), 2010
 aço inox, madeira e
 pintura
 110 x 134 cm
 Participou da exposição
 Yutaka Toyota,
 Museu de Arte Moderna
 Aloisio Magalhães -
 Recife, PE, 2023-2024.
 Participou da exposição:
 “A Realidade Máxima das
 Coisas”, com curadoria de
 Jacob Klintowitz,
 na Galeria Frente,
 de 16 de março a
 29 de junho de 2024.
 Reproduzido no catálogo
 da mostra pág. 164 e 165.
 Foto divulgação
 Galeria Frente.

Yutaka Toyota
Espaço Reflexo Infinito 4º, 2023
 aço inox polido
 130 x 110 x 265 cm
 Participou da exposição Yutaka Toyota,
 Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães
 - Recife, PE, 2023-2024.
 Participou da exposição:
 “A Realidade Máxima das Coisas”,
 com curadoria de Jacob Klintowitz,
 na Galeria Frente,
 de 16 de março a
 29 de junho de 2024.
 Reproduzido no catálogo
 da mostra pág. 167.
 Foto divulgação
 Galeria Frente.



Tsugouharu Foujita
Eneide e Mucio Leão, 1932
 desenho sobre pergaminho
 30 x 27 cm
 assinatura inf. dir.

Fotografia colada no verso: Identificados Foujita,
 Eneida de Moraes, Madaleine e Múcio Leão/ Rio de
 Janeiro:1931, com assinatura do artista.

Etiquetas no verso:

“Jean-Paul Ledeur à Paris, 61 rue Raymond Losserand”;
 “FOUJITA, Tsugouharu - 1886 -1968 / Eneida e Mucio
 Leão, desenho, assinado e datado 1932 a direita/
 30 x 27” (manuscrito desenho s/ pergaminho);
 “Bolsa de Arte do Rio de Janeiro”; “Tsugouharu Foujita
 / Eneida e Mucio Leão, desenho s/ pergaminho/
 30 x 27 /jan. 1932 Rio de Janeiro / Coleção Yashichi
 Kojima/ Brasil / Catalogado Sylve Boisson 1932 91”;
 “Florestano Leiloeiro Oficial /Bolsa de Arte do Rio
 de Janeiro/ Leilão: dias 9 e 10 de outubro de 1973
 às 21hs.”Participou da exposição: “A Realidade Máxima
 das Coisas”, com curadoria de Jacob Klintowitz,
 na Galeria Frente, de 16 de março a 29 de junho de
 2024. Reproduzido no catálogo da mostra pág. 172 e
 173. Foto divulgação Galeria Frente.



Tsugouharu Foujita, *Nu deitado*, 1927, grafite sobre papel, 65 x 90 cm, assinatura sup. dir.
Registro de autenticidade emitido por Sylvie BUISSON. Ex-Coleção Manabu Mabe.
Participou da exposição: “A Realidade Máxima das Coisas”, com curadoria de Jacob Klintowitz,
na Galeria Frente, de 16 de março a 29 de junho de 2024.
Reproduzido no catálogo da mostra pág. 174 e 175. Foto divulgação Galeria Frente.

JACOB KLINTOWITZ

Escritor, crítico de arte, curador, editor de arte, conferencista e jornalista, é autor de 192 livros sobre teoria de arte, arte brasileira, monografias de artistas, ficção e livros de artista. E escreveu mais de 3.000 artigos publicados especialmente nos jornais “Tribuna da Imprensa”, RJ, “Jornal da Tarde”, SP. Conselheiro do Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi. Conselheiro do Museu Judaico de São Paulo. Ganhou duas vezes o “Prêmio Gonzaga Duque” da Associação Brasileira de Críticos de Arte, pela atuação crítica. E duas vezes foi homenageado pela ABCA por sua intensa ação cultural. Atuou como curador do Museu Brasileiro da Escultura.